

ESTUDOS PORTUGUESES E AFRICANOS

Número 6

2º semestre de 1985

INSTITUTO DE ESTUDOS DA LINGUAGEM

Coordenador de Publicações: João Wanderley Geraldi

EPA - ESTUDOS PORTUGUESES E AFRICANOS

(revista semestral)

Diretor

Maria Lúcia Dal Farra

Capa

Carlos Alberto Yasoshima

Datilografia

Luis Antonio dos Santos

Núcleo de Estudos de Cultura e Expressão Portuguesa

(NECEPO) do Instituto de Estudos da Linguagem (IEL)

da Universidade Estadual de Campinas - UNICAMP

Caixa Postal 6045

13.100 - Campinas - Estado de São Paulo - BRASIL

PEDE-SE PERMUTA

EPA - ESTUDOS PORTUGUESES E AFRICANOS
(Conselho Editorial)

Alcir Pécora
Alexandre Eulálio
Haqira Osakabe
Maria Lúcia Dal Farra
Tânia Maria Alkmim
Yara Frateschi Vieira

ÍNDICE

07 Apresentação

ESTUDOS

13 OUVIR UMA VOZ... (tradução de uma canção medieval)

Tânia Pellegrini

29 GUILHERME IX: UMA AVALIAÇÃO CRÍTICA

Ivone Pagnocca Sophia

43 A MEESTRIA DO REFRAM

Ricardo Silva Leite

57 LA CANTIGA DE ESCARNIO Y MAL DECIR: SU PROBLEMÁTICA INSERCIÓN
EN EL DISCURSO CRÍTICO

M. Teresa Cabañas

67 "LA 'ALBA' GALEGO-PORTUGUESA: GÉNERO HIPOTÉTICO O REAL?"

Fernando Villarraga E.

79 UMA PASTORELA BEM TALHADA (estudo sobre um poema de Dom Dinis)

Humberto Hermenegildo de Araújo

91 "AS BLASFÊMIAS DE PERO GARCIA BURGALÊS"

Helder Gomes

RESENHAS

105 CÁLAMO VERNÁCULO PARA WALT WHITMAN: SOBRE UMA TRADUÇÃO DE CALAMUS.

Yara Frateschi Vieira

113 "O ESTUDO DAS FONTES PRIMÁRIAS NAS LITERATURAS MODERNAS"

Maria Eugenia Boaventura

115 EPITÁFIO PARA RICARDO REIS

Yara Frateschi Vieira

A P R E S E N T A Ç Ã O

Este número de Estudos Portugueses e Africanos é dedicado à Idade Média. Os trabalhos aqui reunidos foram primeiramente apresentados como trabalhos de fim do curso de pós-graduação em Teoria Literária, "Teoria Geral do Poema", dado por mim no 1º semestre de 1985. Pode causar estranheza que um curso com esse título tenha produzido trabalhos apenas sobre poesia medieval. Acho que é preciso explicar um pouco como isso aconteceu e por quê.

Essa mesma necessidade de explicar e de convencer me foi cobrada pelos olhos surpresos dos alunos, quando no primeiro dia de aula lhes sugeri um programa de curso: o estudos dos problemas teóricos envolvidos pelo tratamento da poesia lírica medieval. Parece que fui convincente, porque o programa foi aceito, cumprido, com bastante entusiasmo de parte a parte, devo dizer, e o resultado está aí, para ser julgado. Tentando resumir a argumentação que usei naquele momento, e deixando de lado agora o meu movimento inicial de escolha, posso lembrar aqui que, por um lado, enfatizei os problemas de teoria do poema que só se tornam evidentes quando não estamos tratando de textos próximos da nossa expectativa estética, ou seja, quando estamos diante de uma poética diferente - o que é o caso da poesia lírica medieval, diferente da nossa, principalmente da pós-romântica, em termos de função, de nível de formalização e de relação com outra linguagem artística, de integração com o grupo social onde surge, de produção e de execução; por outro lado, estava claro para todos nós que o estudo da literatura medieval (e da história e cultura medievais, por extensão) caracteriza-se como uma zona altamente problemática dentro dos estudos universitários brasileiros. Obviamente, outras manifestações literárias mais recentes captam muito mais o interesse dos alunos brasileiros, pela sua relação imediata com os problemas atuais da nossa cultura; a Idade Média aparece como um fóssil ou como um luxo dispensável num país do Terceiro Mundo. No entanto, ela não precisa ser estudada como um fóssil, nem é necessariamente um luxo: pelo contrário, na medida em que é parte do nosso passado histórico e cultural, conhecê-la na sua coerência interna "não poderá deixar de revelar simultaneamente," como diz José Mattoso em relação ao estudo da história medieval, "a identidade que [n]os une - as permanências de tempo longo -, e as diferenças que [n]os separam - a alteridade de um sistema cultural e econômico-social definitivamente desaparecido. Assim se reúnem os elementos para conduzirem à tomada de consciência da colectividade nacional: o reconhecimento do que permaneceu idêntico através de formas e soluções historicamente diferentes."¹ Além disso, embo-

1. José Mattoso, Identificação de um País. Ensaio sobre as Origens de Portugal. Lisboa, Editorial Estampa, 1985, vol. 1, pág. 26.

ra a erudição seja mesmo indispensável para tratar dessa literatura tão afastada de nós que precisamos recriar toda a sua situação, ela não é o fim último do seu estudo, como o foi para muita crítica do século XIX e do começo do nosso. Já não queremos reproduzir a atitude de Maquiavel, que se vestia de romano para ler os seus autores latinos; mas também não podemos imitar os medievais, que vestiam à sua semelhança os deuses que resgatavam da Antiguidade greco-romana. Entre esses dois extremos monológicos, temos que encontrar uma forma dialógica possível, de forma que os dois tempos, o passado da produção e o da recepção atual, se encontrem de forma ativa. No caso da tradição universitária brasileira, o reconhecimento desse Outro, que é a condição básica para que possa haver um diálogo, está prejudicado por uma distância que parece maior em vários aspectos: não só não contamos com a experiência cotidiana dessa passado, isto é, não esbarramos com ele mal pomos os pés fora de casa, como ainda não temos um instrumental à mão suficiente para aproximar-nos dele (e isso é evidente para quem quer que conheça a situação de penúria das bibliotecas universitárias brasileiras). Os especialistas que se têm dedicado a esse campo, e têm feito trabalho de pioneiros, ou puderam usar bibliotecas no exterior ou tiveram acesso a bibliotecas particulares excepcionalmente bem formadas. Nas nossas circunstâncias, tivemos que trabalhar em situação quase artesanal, com poucos recursos bibliográficos e técnicos. O que não impede, contudo, um trabalho consciente das suas tarefas e das suas limitações, bem como uma atitude de seriedade diante do objeto de estudo. Essa procurou ser a tônica do curso e parece-me ser o caso dos trabalhos aqui publicados.

Como cada aluno escolheu o seu tema à medida que o curso, progredia de acordo com as suas próprias preferências, o leque dos assuntos tratados é variado: assim, os trabalhos interrogam desde questões mais gerais, como o problema da identificação dos gêneros (aplicando-o a casos específicos como a pastorela e a alba na lírica galego-portuguesa), ou as funções do refrão, através do cotejo de várias ocorrências em cantigas paralelísticas, até aspectos mais específicos: uma resenha crítica de trabalhos importantes dedicados a um trovador (Guilherme IX); a tradução de um poema de Bernart de Ventadorn, levando em conta não só a recriação de elementos poéticos, como a métrica, a rima, o estrato fônico, as imagens, mas também a interpretação do poema dentro do seu contexto sócio-cultural e a sua integração com a música; uma análise das posições de Rodrigues Lapa no que diz respeito às cantigas de escárnio e de maldizer, levando à questão do viés crítico; a a análise textual de uma das cantigas de Pero Garcia Buralês, à luz de duas interpretações conflitantes do sentido das blasfêmias por ele empregadas.

Os autores são, como já disse, alunos de Pós-Graduação em Teoria Literária; na aula, porém, éramos todos interlocutores de um diálogo que nos apaixonava e nos levava a rever, incansavelmente, o objeto diante de nós e as nossas relações com ele. Nesse diálogo, aprendi muito, e agradeço aos que nele participaram, o terem realimentado o meu entusiasmo, renovando-o, e terem demonstrado, pelo seu trabalho, que é possível tratar da Idade Média com todo o respeito pela sua alteridade, e com todo o dinamismo da nossa integração. Olhá-la com os olhos abertos, voltados para fora -

olhos de ver - e com os olhos fechados, voltados para dentro, de evocar.

Campinas, 9 de novembro de 1985

Yara Frateschi Vieira



Capitel românico. Igreja da Colegiada de São Pedro.
Coimbra, Séc. XII